

Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO

“History lesson”, de Jeannette Armstrong, sob a perspectiva pós-colonialista.

Jean Pruchniak

itsnotfear@hotmail.com

Orientadora: Neide Garcia Pinheiro

neidinha_2005@hotmail.com

Letras Inglês e literaturas de língua inglesa

Resumo:

Este presente trabalho pretende contribuir para com os estudos literários, Pós-coloniais e canadenses. Será analisado o poema “*History lesson*” de Jeannette Armstrong. É importante por que trata de assuntos que concernem e envolve muitas áreas de conhecimento das ciências humanas. Além disso, os temas aqui discutidos, tais como a descoberta da América e a colonização são do interesse de brasileiros independentemente se a autora é canadense, a colonização afeta a sociedade brasileira tanto quanto afeta a sociedade canadense. Pois, embora os processos de colonização tenham ocorrido de maneiras diferentes, no Brasil e no Canadá, o fato é que eles foram colonizados.

Palavras chave: colonização, estudos literários. Pós-coloniais.

Abstract:

This present work aims to contribute towards literary studies, Postcolonial and Canadian. The piece of work here analyzed is the poem *History Lesson* by Jeannette Armstrong. It is important for dealing with matters which concern and they are related to many areas of knowledge of the humanities. Moreover, the topics discussed here, such as the discovery of America and the colonization can interest Brazilians, regardless if the author is Canadian, colonization affects Canadian society as much as it affects Brazilian society. Although the processes of colonization occurred in different ways in Brazil and Canada, both were colonized.

Key words: colonization, literary studies, Postcolonial.

Riassunto:

Questo presente articolo c'è come oggettivo contribuire agli studi letterari, postcoloniali e canadesi. La poesia analizzata è *History lesson* di Jeannette Armstrong. Questo è importante perché si occupa di questioni che riguardano e involgono molte aree della conoscenza e delle scienze umane. Inoltre, i temi qui discussi, come la scoperta dell'America e la colonizzazione sono di interesse dei brasiliani indipendentemente dal fatto che l'autora è canadese, colonizzazione colpisce la società canadese, allo stesso modo, colpisce la società brasiliana. Per anche se i processi di colonizzazione avvenuta in modi diversi, in Brasile e Canada, il fatto è che essi furono colonizzati.

Parole chiavi: colonizzazione, studi letterari, postcoloniali.

Introdução:

O poema, "History lesson", de Jeannette Armstrong, tem como 'pano de fundo' um tema histórico, como o próprio título, em português 'aula de história', sugere. A história em questão é o descobrimento da América. A autora trata o tema com bastante ironia, o poema tem ritmo de um conto infantil, forma que sugere a preocupação de apresentar outra versão para a história tida como oficial da chegada de Colombo à América. Tradicionalmente a história da descoberta da América é narrada como um feito glorioso e contado com orgulho, como um dos maiores feitos da civilização europeia.

O poema em sua estrutura é de uma construção sem muita complexidade, em um estilo muito informal, tendo assim em muitos aspectos um certo tom de oralidade. Em grande parte parece que o eu poético está contando uma história para crianças. Não há uma grande preocupação em

detalhar muito profundamente como os fatos aconteceram, mas mostrar o que aconteceu no ambiente americano e canadense desde a chegada dos europeus até os anos noventa quando o poema foi escrito.

Jeannette C. Armstrong é de uma geração de escritores canadenses que a partir dos anos de 1970 passaram a ter bastante destaque, primeiramente no cenário canadense e norte-americano e mais tarde tornaram-se amplamente conhecidos, escritores tais como Tomson Highway romancista e dramaturgo, Thomas King romancista, historiador e autor de *short stories*, Armstrong, no entanto, destaca-se na poesia. Este trabalho tem como objetivo analisar o poema "History lesson", sob uma perspectiva da teoria e crítica pós-coloniais. Dessa forma, este estudo provê uma interpretação de alguns dos temas pós-coloniais identificados no poema, tais como a contestação da história oficial e a afirmação cultural aborígine diante da imposição da cultura européia.

BARRY (...) afirma que o poscolonialismo consiste da análise, estudo e crítica do legado do colonialismo e do imperialismo nas culturas dos povos que foram colonizados, sendo assim, pós-colonialismo como uma teoria literária, lida com a literatura produzida em países que outrora foram colônias de outros países, especialmente de nações Europeias, potências coloniais tais como O Reino unido da Grã-Bretanha, a França, a Espanha, Portugal e a Holanda, em alguns contextos, inclui territórios que ainda estão sob regime colonial . Ainda abrange a literatura escrita por cidadãos de países coloniais que retratam povo colonizado como objeto de sua narrativa.

A crítica literária poscolonial rejeita as reivindicações ao universalismo feito em nome da literatura ocidental canônica e procurar mostrar suas limitações de visão, especialmente a sua incapacidade geral de olhar para além das fronteiras de diferenças culturais e étnicas. Examinando a representação de outras culturas na literatura como uma forma de atingir esse fim. Também tenta mostrar como tal literatura é muitas vezes evasiva e mantém-se em silêncio sobre assuntos relacionados com a colonização e ao imperialismo. A crítica literária poscolonial retoma questões de diferença e diversidade examinando seu papel em importantes obras literárias. O poscolonialismo através da literatura celebra o hibridismo e "polivalência cultural", isto é, a situação em que indivíduos e grupos pertencem simultaneamente a mais de uma cultura, desenvolvendo uma perspectiva, não apenas aplicável às literaturas pós-coloniais, pelo qual os estados da marginalidade e da pluralidade são vistos como fontes de energia muda e potencial.

Como já mencionado o poema "History lesson" apresenta muitas características que o ligam aos

estudos poscolonialistas, entre os muitos conceitos poscoloniais os que mais se evidenciam neste poema são o conceito de identidade nacional ou cultural, que consiste no sentimento ou reafirmação do sentimento de pertencer a uma nação a uma cultura. Outro conceito que também pode ser encontrado no poema é o de imposição linguística, que consiste na imposição da língua do dominador e colonizador ao dominado e colonizado, sendo que essa dominação não se dá apenas em termos de língua, idioma, mas também em termos de narrativa, o colonizador impõe sua maneira de narrar, de ver e representar o mundo ao colonizado e rebaixa a maneira do colonizado de narrar a uma forma inferior sem valor tida como “infantil”.

Desenvolvimento:

Antes de falar sobre literatura indígena, imposição da cultura europeia e auto-afirmação da cultura indígena. É importante lembrarmos um pouco de como se deu essa colonização, que no caso do Canadá, terra natal de Jeannette Armstrong, deu-se por duas frentes a inglesa e a francesa.

O Canadá assim como todo o resto do território americano era originalmente habitado por povos nativos, aos quais os europeus deram o nome genérico de “índios”. Segundo Niède Guidon, renomada arqueóloga brasileira, os primeiros habitantes das Américas chegaram por volta de quarenta e cinco mil anos atrás por duas possíveis rotas; o estreito de Bering na América do norte vindos da Sibéria na Ásia e através de pequenas embarcações (que supunha-se através de achados arqueológicos, que os homens desse período já sabiam construir) cruzando o oceano pacífico vindos da Polinésia. Quanto aos nativos da América do norte, há por parte de estudiosos incluindo Guidon, que esses provêm da Ásia. As origens do passado canadense se confundem com as teorias que visam explicar o processo de ocupação do território americano. Segundo, alguns indícios, acredita-se, que populações de aborígenes tenham chegado a esta região por meio de uma faixa de terra que ligaria a Sibéria e o Alasca, portanto, a primeira rota proposta por Guidon. Esses povos estabeleceram-se aí e deram origem às populações indígenas. Por séculos isolados do resto do mundo, desenvolveram uma cultura própria, línguas e uma maneira de ver o mundo e a natureza muito diferente das outras culturas. A colonização do Canadá segundo Morton(...) teve início fora do processo de expansão mercantilista que marca a Europa da Idade Moderna.

Os primeiros estrangeiros a se fixarem nos territórios canadenses foram os vikings, que há cerca de 1000 anos promoveram um curto período de ocupação da Ilha de Terra Nova. Já nessa época,

acredita-se que o contato entre os nativos e os europeus tenha sido marcado por uma série de conflitos. Passados seis séculos, o navegador italiano Giovanni Caboto (ou John Cabot como ficou conhecido na história americana), a serviço dos membros da Coroa Britânica, reivindicou ao domínio inglês as terras da América do norte, no ano de 1497. Logo em seguida, os franceses também se fixaram na região para imprimir as suas atividades de natureza colonial. Segundo acredita-se, a aventura britânica e francesa pela América do Norte aconteceu como um desdobramento das tentativas de se buscar outra rota marítimo-comercial para o Oriente.

No século XVII a Inglaterra vivia uma conjuntura favorável à colonização. O comércio havia dado origem a uma burguesia enriquecida e dotado o país de uma frota numerosa, pois no século anterior, principalmente durante o reinado de Elizabeth I, o mercantilismo havia se imposto, utilizando-se inclusive das atividades dos corsários; a Espanha, em decadência, não tinha condições de manter os territórios que julgava seus pelo Tratado de Tordesilhas.

Do ponto de vista social, havia nas cidades inglesas uma grande massa de homens pobres, resultado do êxodo rural, provocado pelos "cercamentos" fenômeno ocorrido na Inglaterra para adequar o meio rural ao capitalismo comercial e reorganizar a produção e outra camada de origem burguesa, porém que sofria com as perseguições religiosas. Parte desses dois grupos migraram para as colônias da América do Norte. O início da colonização da América do norte pelos ingleses deu-se a partir da concessão real a duas empresas privadas: A Companhia de Londres, que passou a monopolizar a colonização das regiões mais ao norte, e a Companhia de Plymouth, que recebeu o monopólio dos territórios mais ao sul. Dessa maneira dizemos que a colonização foi realizada a partir da atuação da "iniciativa privada". Porém subordinadas as leis do Estado como queriam os nobres ingleses.

A primeira colônia inglesa foi, A Colônia de Virgínia, que nasceu a partir da fundação da cidade de Jamestown, mas, a efetiva ocupação, além do desenvolvimento da região levaria algumas décadas, ao longo das quais foram estabelecidas outras colônias na região sul: Maryland (em 1632) Carolina do Norte e Carolina do Sul (1663) e Geórgia (1733). Nessas colônias desenvolveu-se a estrutura tradicional de produção, caracterizada pelo latifúndio monocultor a chamada *Plantation*, voltado para a exportação segundo os interesses da metrópole, utilizando o trabalho escravo africano. No entanto, essas colônias não foram o suficiente e aos poucos os britânicos começaram a direcionar-se para o norte; para o Canadá.

Quanto à França, no século XVI que havia concentrado seus interesses no Canadá, fundou Tadoussac em 1599. Em 1608, Samuel de Champlain estabeleceu um posto comercial que deu origem à cidade de Quebec, que depois se tornaria a capital da Colônia Francesa do Norte da América. Em Quebec, Champlain foi forçado a se aliar aos nativos de pequenas tribos locais contra o ataque dos índios iroqueses. Em 1634 Jean Nicolet chegou ao atual Wisconsin.

No entanto quando estourou a guerra dos sete anos o domínio Frances e suas colônias foram terrivelmente abalados, pra piorar a França perdeu a guerra e o território pertencente à França passou para mãos do império Britânico. Outra consequência da guerra foi o aumento de impostos contra os colonos americanos, pois, a Inglaterra queria recuperar-se dos gastos com a guerra. Os colonos americanos se revoltaram e começaram a guerra que levaria a independência dos Estados Unidos.

Morton resalta que com a Guerra de independência dos Estados Unidos, que durou de 1775 até 1783, o Canadá recebeu levas de colonos leais aos britânicos, provenientes das Treze Colônias britânicas rebeldes. Tais colonos se estabeleceram no que é a atual província de Ontário. Com isso, os britânicos decidiram separar o Canadá em dois, criando o Canadá Superior (atual Ontário) e o Canadá Inferior (atual Quebec). Os americanos, em 1812, invadiram o Canadá Inferior e o Canadá Superior, numa tentativa de anexar o resto das colônias britânicas na América do Norte, desencadeando a Guerra de 1812. As tropas americanas não tiveram sucesso. Washington foi incendiada pelos Britânicos e os americanos então se retiraram. Em 1837, houve uma grande rebelião de colonos, tanto no Baixo Canadá quanto no Alto Canadá. Por causa da tentativa Britânica de assimilar a cultura francesa à inglesa e impostos abusivos, o Baixo Canadá e o Alto Canadá foram unidas numa única província, a do Canadá. O medo de uma nova invasão americana levou à criação da Confederação Canadense, em Primeiro de julho de 1867 o Canadá nasceu como país independente. No entanto mantendo fortes relações com o governo Britânico, isso só cessaria após as duas guerras mundiais.

Durante todo o processo de colonização a população nativa canadense, sofreu com ataques, roubos de suas terras, doenças trazidas pelos europeus, fome, e principalmente o silenciamento de sua cultura, a marginalização total de seus credos e tradições. Foram muitas as atrocidades cometidas contra a população aborígene canadense, a situação não melhorou com a independência Canadense.

Em 1876 foi criado pelo Parlamento Canadense o *Indian Act* que é um estatuto canadense que diz respeito aos direitos dos índios do país, ou seja, os povos das Primeiras Nações do Canadá ou índios como vulgarmente chamados e ao sistema de reservas indígenas. O *Indian Act* prevê ao governo federal do Canadá competência exclusiva para legislar em relação aos "índios e terras reservadas aos índios". Esse estatuto permite ao governo canadense o controle da população ameríndia e também de suas terras. Para a população indígena foi um golpe, que afetou muito sua cultura, pois, esse estatuto tirou a autonomia dos nativos, entregando o governo de suas terras e de suas próprias vidas ao governo canadense. Outro grande golpe a sociedade aborígene foi a autorização por parte do governo canadense, da retirada das crianças aborígenes e seu envio as chamadas *Resident Schools*. Desde 1876, o *Indian Act* passou por dezenove emendas e reformas, a retirada das crianças aborígenes de seus pais foi proibida e o governo canadense

teve de seder aos nativos, a mais importante foi a criação do território de Nanavut, governado por nativos.

Out of the belly of Christopher's ship a mob bursts

Running in all directions

Pulling furs off animals

Shooting buffalo

Shooting each other left and right

and multi-colored rivers

swelling with flower powered zee

are farmers sowing skulls and bones

and miners pulling from gaping holes

green paper faces

of smiling English lady

Father mean well

waves his makeshift wand

forgives saucer-eyed Indians

while burying The colossi

Red coated knights gallop across the prairie

to get their men stand shaking fists

Between breathing forests and fields

beneath concrete and steel

and to build a new world waiting to mutilate

whole civilizations ten generations at a blow.

Pioneers and traders bring gifts

Smallpox, Seagrams and Rice Krispies

the snap crackle pop of smoke stacks

Somewhere among the remains of skinless animals

is the termination to a long journey
Civilization has reached the promised land.
and unholy search for the power
glimpsed in a garden
forever closed
forever lost.

O poema de Jeannette Armstrong, *history lesson*, apresenta muitas características que nos permite ligá-lo aos estudos Pós-coloniais, o poscolonialismo, como anteriormente mencionado, consiste da análise, estudo e crítica do legado do colonialismo e do imperialismo nas culturas dos povos que foram colonizados. Seu precursor foi o psiquiatra e ensaísta, natural da Martinica no Caribe, Frantz Fanon. Segundo Fenon; “se espera de um homem que se comporte como um homem. Mas, de um homem negro se espera que este se comporte como um negro e não como um homem”. Podemos dizer que o mesmo se esperava dos nativos ameríndios os europeus não viam a maioria deles como homens, mas, como animais que precisavam ser domesticados ou mortos, somava-se a isso a visão de superioridade racial da raça branca em relação as outras. Essa superioridade era o que os europeus alegavam quando colonizavam uma terra, diziam levar civilização aos selvagens. Segundo Godoy (2003); “tres quartos da população mundial sofreram com o colonialismo europeu”. No entanto a partir das guerras mundiais e com a independência de muitas ex-colônias o discurso colonialista passou a ser desconstruído principalmente por estudiosos como Spivak e Homi Bhabha. Segundo o que diz Sergio Costa em seu artigo publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais:

A abordagem pós-colonial constrói, sobre a evidência – diga-se, trivializada pelos debates entre estruturalistas e pós-estruturalistas – de que toda enunciação vem de algum lugar, sua crítica ao processo de produção do conhecimento científico que, ao privilegiar modelos e conteúdos próprios ao que se definiu como a cultura nacional nos países europeus, reproduziria em outros termos, a lógica da relação colonial. Tanto as experiências de minorias sociais como os processos de transformação ocorridos nas sociedades “não ocidentais” continuariam sendo tratados a partir de suas relações de funcionalidade, semelhança ou divergência com o que se denominou centro. Assim, o prefixo “pós” na expressão pós-colonial não indica simplesmente um “depois” no sentido cronológico linear; trata-se de uma operação de reconfiguração do campo discursivo, no qual as relações hierárquicas ganham significado (Hall, 1997a). Colonial, por sua vez, vai além do colonialismo e alude a situações de opressão diversas, definidas a partir de fronteiras de gênero, étnicas ou raciais.

Partindo dessas ideias podemos analisar um pouco do poema de Armstrong, a autora, traz muitos eventos da colonização da América, da chegada de Colombo, tratado pelo primeiro nome

no poema Cristovão (Christopher, na versão em inglês do poema). Há menção à diversos acontecimentos como a guerra entre colonos, a violência da colonização quando a autora coloca trechos como “*Shooting each other left and right*”, em português seria o equivalente a dizer; “atirando uns nos outros a torto e a direito”. As doenças trazidas pelos europeus e também os vícios como alcoolismo são mencionados quando a autora escreve; “*Pioneers and traders bring gifts, Smallpox, Seagrams and Rice Krispies*”. Os pioneiros trouxeram presentes, varíola, Seagrams (uma marca de bebida) etc. partindo disso, podemos notar o quanto a colonização foi ruim para os nativos e o quanto isso afetou sua vida. Mas, pior que doenças e vícios, a marginalização da cultura foi a pior parte. Os nativos perderam sua cultura e sua identidade como nativos.

Podemos entender identidade tomando como base Hall; ao analisar a questão, este autor focaliza particularmente as identidades culturais referenciadas às culturas nacionais. Para ele, a nação é além de uma entidade política – o Estado –, ela é um sistema de representação cultural (grifos do autor).

Segundo Stuart Hall (1999) uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados ao nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Noutros termos, a nação é composta de representações e símbolos que fundamentam a constituição de uma dada identidade nacional. As culturas nacionais produzem sentidos com os quais podemos nos identificar e constroem, assim, suas identidades. Esses sentidos estão contidos em histórias, memórias e imagens que servem de referências, de nexos para a constituição de uma identidade da nação.

No entanto, a partir da Revolução Cultural ocorrida nos anos de 1960 e 1970, muitos nativos passaram a ter destaque na mídia, literatura, política e nas artes em geral. Passaram a recuperar e tentar mostrar a sua cultura e a sua identidade. como anteriormente mencionado: Jeannette C. Armstrong é de uma geração de escritores canadenses que a partir dos anos de 1970 passaram a ter bastante destaque, primeiramente no cenário canadense e norte-americano e mais tarde tornaram-se amplamente conhecidos, escritores tais como Tomsom Highway romancista e dramaturgo, Thomas King romancista, historiador e autor de *short stories*, Armstrong, no entanto, destaca-se na poesia. E assim passou a trazer a tona muitas histórias à tona através de seus poemas, essa botam o discurso colonial contra a parede.

Conclusão:

Concluisse que, *History lesson*, em termos de estudos Pós-coloniais, apresenta muitos aspectos

que tornam o poema uma obra de grande valor para rever muito sobre o tema da descoberta da América. Além de rever, também faz as gerações mais novas, não só de nativos, mas, também de outras etnias, pensarem e tentarem enfrentar os discursos coloniais que ainda afetam a sociedade. Apesar do poema ter uma estrutura simples e uma construção bastante objetiva, em um estilo muito informal, e como mencionado anteriormente tendo em muitos aspectos um certo tom de oralidade. Assim em grande parte o eu poético parece está contando uma história para crianças. Pode-se dizer que de infantil o poema não tem coisa alguma, é extremamente serio e a história contada ali é real.

Referências:

ARMSTRONG, Jeannette C. *Blue against White: the disempowerment of first native American people and empowerment through their writing*. [S.1] OXFORD UP, 2005.

BARRY, Peter, *Beginning Theory: An introduction to literary and cultural theory*; first edition; (Manchester; Manchester University Press; 1995).

BHABHA, Homi. 1994. *The Location of Culture*. London & New York: Routledge.

BARKER, Chris e Dariusz GALASÍNSKI. 2001. *Cultural studies and discourse analysis: a dialogue on language and identity*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage Publications.

BHABHA, Homi. 1998. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFM

DURING, Simon (Ed.) 1999. *Introduction*. In: *The Cultural Studies Reader*. London e New York: Routledge: 1-28.

FAIRCLOUGH, N. 1992. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press.

FANON, FRANTZ. 1967. *BLACK SKIN, WHITE MASKS*. Printed in EU by Antony Rowe.

GUIDON, N., and Delibrias, G., 1986. Carbon - 14 dates point to man in the Americas 32,000 years ago. *Nature* 321, 769-771.

GUIDON, N., Parenti, F., Da Luz, M. d. F., Guérin, C., Faure, M., 1994. *Le plus anciens peuplement de l'Amérique : le Paléolithique du Nordeste brésilien*, *Bulletin de la société préhistorique française* 91, 246-250.

HALL, Stuart (Ed.) 1997. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage.

HALL, Stuart. 1999. *Cultural studies and its theoretical legacies*. In: Simon During (Ed.) *The*

cultural studies reader. Second edition. London e New York: Routledge: 97-109.

LOOMBA, Ania. 1998. Colonialism/Postcolonialism. London & New York.

MORTON, DESMOND. 1983. Breve História do Canadá. Canada Copyright.

ROBINSON, Douglas. 1997. Translation and Empire: Postcolonial Theories Explained. Manchester, UK: St. Jerome Publishing.

SIMON, Sherry. 1999. Hybridité Culturelle. Montréal: L'Île de la tortue et Sherry Simon.

SPIVAK, G. 1990. Postcoloniality and value. In: P. Collier e Gaya-Ryan (Eds.) Literary Theory Today. Chicago: University of Chicago Press.

YOUNG, Robert J.C. 1990. White Mithologies: Writing History and the West. London & New York: Routledge.

WALDER, Denis, Ed. *Literature in the modern world* (OXFORD UNIVERSITY press, 1990).

Consultas on-line

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092006000100007&script=sci_arttext